

CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)Idoscorpos**. Um estudo semiótico do corpo e seus signos. São Paulo: ANNABLUME, 1997. 138p.

Escrito com o propósito de ser (apenas?) uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, este texto, agora publicado, é um convite à introspecção.

Não porque a leitura seja cansativa. Pelo contrário, a obra nos *proíbe* de parar de ler, refletir, ler, refletir... sobre as “máscaras culturais” que vamos nos colocando durante a vida, os códigos culturais de um povo ricamente miscigenado: “*O corpo, dentre todos os muitos níveis de códigos que vivencia, é um complexo texto da cultura e a espelha e projeta*”.

Em Sorocaba, onde reside, a autora é professora de Inglês e Português para estrangeiros. Em suas aulas, o vivido é a base do aprendizado, é o próprio corpo, enquanto texto com sua história, memória e lugar, facilitando o aprendizado de uma língua estrangeira.

O seu fazer libertário, pois cada um imprime o ritmo que acha conveniente e necessário, tem suas raízes na incrível experiência da “Colônia Cecília”, quando italianos migraram para o Brasil trazendo, na bagagem, uma bandeira preta e muita esperança. É o Brasil do final do Império, sociedade conservadora para os ideais dessa pessoas, que eram anarquistas...A experiência ocorre no Paraná e proclamação da República põe fim nela.

Ao ser deportado, Paolo Rossi desabafa: “O mundo não está preparado para a *anarquia*”.

Muitos anos depois, Cleide “descobre” o anarquismo, como doutrina, através de Roberto Freire. Pesquisando, (re)descobre que, entre os italianos da “Colônia Cecília”, um era parente seu. Assim, teoria e prática se mesclam.

“Ver-se desdobrado nos antepassados espelhados nas linhas do como, que além da memória química traz uma memória mítica do passado de sua cultura não é tarefa para quem pretende o óbvio” (p. 88). E o óbvio não faz parte de sua pesquisa.

Começando pelo título, buscado no grego *kalós* (bonito), do qual preserva *Cale e eídos* (forma), ou seja, a forma bonita dos corpos, mas, também, cálidos corpos, conforme ela mesma explica no Prefácio.

O estudo está dividido em quatro capítulos que costuram, amarram a cultura e a semiótica ou a Semiótica da Cultura, propondo ao leitor uma construção↔desconstrução de fragmentos com o corpo e a experiência de cada um. Nem por isso é um texto aleatório, como alguns, que se proclamam pós modemos, o fazem.

No capítulo II - *Os desafios que a morte engendra* - ancorados nos mitos, vemos o desafio à morte, a “ameaça castradora da morte”.

A inspiração é buscada em autores como Jung, Lotman, Fernando Pessoa, Freud, Roberto Freire (o médico e escritor), fechando com “*Stultifera Navis*” (alusão ao Foucault de *A história da loucura*): “... o que existe no riso do louco é que ele ri antes do riso da morte; e, pressagiando o macabro, o insano o desarma”.

Mas o corpo segue...

No calidoscópio, busca o como na/da TV, ícone de nossa cultura moderna que respira, inspira, exhibe, exige posturas e atitudes dos espectadores com seus corpos, seja em frente da tela ou longe dela.

Sutilmente temos a crítica à virtualização e/ou robotização do homem, mas alerta: “É bom que alguns se preparem para o novo corpo que começa a ser plasmado na frente dos computadores e dos botões eletrônicos”.

Talvez essa empreitada fique para a próxima publicação, onde poderemos ver a autora dialogando com *personas* conhecidas como Pierre Lèvy, Baudrillard, Gilles Deleuze e outros.

A conclusão? Esta deve ser conferida na obra, onde o leitor poderá verificar *in loco* as afirmações do resenhista.

Finalmente, destacamos uma falha imperdoável: a divulgação e a distribuição operada pela editora AnnaBlume não está atingindo todos os círculos possíveis: acadêmicos de fora da PUC/SP, interessados em geral, intelectuais de todas as áreas, etc. Com isso, perde a editora e perde mais ainda o leitor.

Paulo Celso da Silva

Doutorando em Geografia Humana pela USP e Professor na Universidade de Sorocaba - UNISO